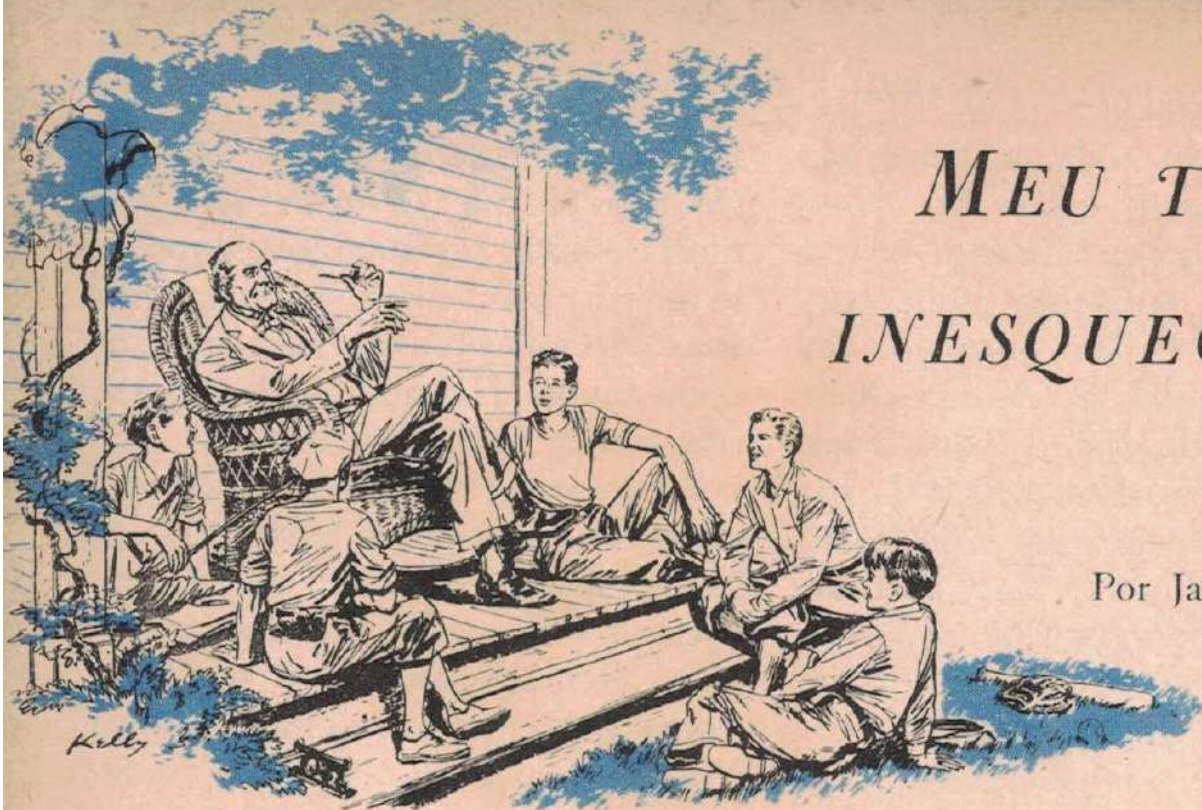


MEU TIPO INESQUECÍVEL

Por James R. Aswell



QUANDO eu era rapazinho, preferia ouvir John Campbell contar seus incríveis casos a ir ao cinema. E dava-se o mesmo com uma dúzia de outros meninos da vizinhança.

Veterano da Guerra Civil e empreiteiro aposentado, com 80 anos, o Sr. Campbell vivia com a esposa numa grande e velha casa de madeira, recuada, entre enormes bôrdos. Era um homem pesadão, de olhos brilhantes e maliciosos debaixo de sobranceiras hirsutas. Costumávamos aglomerar-nos, nós os rapazes, nos crepúsculos avermelhados do outono, enquanto êle, instalado na sua cadeira de balanço, nos contava histórias. Esperávamos em silêncio até que o seu cachimbo e a sua imaginação estivessem queimando bem. Era muito popular, também, entre adultos. A qualquer hora que a gente passasse pela nossa rua e ouvisse gargalhadas procedentes de uma varanda sombreada, da farmácia ou da

venda, saberia que o Sr. Campbell estava fazendo visitas.

Muitas das suas histórias versavam sôbre coisas estranhas ocorridas nas montanhas onde êle nascera. Nós os meninos éramos loucos pelas façanhas de Billy, o lambari ensinado, que êle dizia ter conservado no rio, quando rapaz. Era só atirar uma linha à água e assobiar chamando Billy, que êste escolhia a truta mais gorda e a atraía para o anzol.

Gostávamos da história de Joe, o garôto com cérebro de passarinho, que estudou os falcões e os urubus e depois fêz umas asas para si mesmo e pulou de uma árvore alta. Nesse ponto, quando havia algum rapaz novo no auditório o Sr. Campbell ficava em silêncio, fumando devagar. Por fim, o menino não se continha e indagava:

—Que aconteceu ao Joe?

O velho parava de balançar-se.

—Ora essa, que é que você está pensando? dizia, fingindo-se indig-

nado. Acha que um menino haveria de trabalhar tanto como o Joe para nada? Êle *voou*.

A espôsa tinha um respeito tão profundo pelo velho que só uma vez, que eu ouvisse, ela se referiu ou dirigiu-se a êle de outro modo que não como *Senhor Campbell*. Não obstante, achava de seu dever, de quando em quando, repreendê-lo por suas invencionices.

—Sr. Campbell, dizia ela num suspiro, que não irão pensar essas crianças?

—Bem, resmungava êle meditativamente, acho que esta eu exagerei um pouco. Mas logo enveredava por outra história fantástica.

Contava a de seu tio Colin, cuja mulher o mandara à cidade trocar peles de *racoon* por um saco de 20 quilos de sal. Os Campbells comiam aveia com sal em quantidade e verdadeiras montanhas de manteiga.

—Sete anos se passaram, dizia John Campbell. Então, uma noite, tio Colin bateu à porta de sua casa. Estava muito queimado de sol, quase prêto. Atirou sôbre a mesa uma clava de guerra das ilhas Fidgi e um sortimento de facas e quinquilharias pagãs, junto com uma pilha de moedas de países em que ninguém ouvira falar. Minha tia disse:

—Está atrasado, Colin.

—É, demorei.

—Trouxe o sal?

—Esqueci.

—A aveia ficará insôssa.

—É capaz. Talvez eu o traga da próxima viagem.

John Campbell não ganhou muito dinheiro nesta vida, mas experimentou e proporcionou muito prazer gastando os milhões que nunca possuiu. Em dias de chuva, balançando-se vagarosamente na varanda, dizia em tom sonhador:

—Rapazes, se tivéssemos um milhão de dólares, êste seria um belo dia para gastá-lo. Vejamos—há cinco rapazes aqui, contando comigo. Cabem 200 mil dólares a cada um. Vamos começar aí pela esquerda. Que é que você faria com a sua parte, Tom?

Era uma tarde emocionante. Comprávamos lojas de bombons, montanhas de equipamento para basebol e futebol, canoas, anzóis, coleção de selos, espingardas de calibre 22, várias coleções de livros de aventuras, pôneis e uma porção de entradas de cinema. Ficávamos assombrados ao descobrir como era difícil gastar uma porção de dinheiro. Nossos esbanjamentos mais absurdos raramente excediam algumas centenas de dólares. Por sugestão dêle, depois da devida discussão, dedicávamos o restante a causas novas, merecedoras de apoio.

Tôdas as pessoas que trabalharam para John Campbell, quando êle era empreiteiro, ficaram sendo seus entusiastas admiradores. Biscateiros e mensageiros detinham-se em volta dêle, todos risonhos, até que alguém os mandasse cuidarem da vida. Êle nunca os deixava partir sem uma palavra de elogio. Acreditava que cada indivíduo tinha direito à dig-

nidade e precisava que lhe reafirmassem seu valor.

—As más notícias e o escândalo viajam depressa, costumava afirmar, mas os elogios vão capengando, a passo de tartaruga velha e doente. Eu sempre gosto de dizer a um sujeito qualquer coisa agradável a seu respeito. Faz bem a êle e não faz mal à gente.

O Sr. Campbell gostava de lembrar a ocasião em que lutara com o grande campeão de boxe John L. Sullivan. O campeão dos pesos pesados fêz uma exibição pugilística num sábado à noite, num teatro, e havia um desafio a um voluntário que agüentasse um *round* contra Sullivan. O prêmio seria uma bôlsa de 100 dólares.

—Meus amigos carregaram-me para o palco, dizia o Sr. Campbell. Arrancaram-me o paletó e amarraram-me luvas de boxe nas mãos. Resolvi não desapontar a assistência, mas pretendia não ser muito violento com o antigo campeão, que nos seus bons tempos havia sido um bom sujeito. A coisa foi fácil. Quando dei por mim novamente eram dez e meia da manhã da segunda-feira.

Numa das suas batalhas da Guerra Civil, dizia-nos êle, passara a maior parte do tempo agachado atrás de uma grande faia. Refreava a vontade de pôr a cabeça de fora, «pelo receio de meter mêdo aos inimigos, que, afinal de contas, eram bons rapazes». Quando ouviu passos correndo na sua direção, achou

que era tempo de efetuar uma galharda retirada.

—Aquêles pobres soldados estavam longe de casa e precisavam de um pouco de animação, dizia êle. Nada como uma boa corrida para fazê-los esquecer as saudades do lar. Mas depois de correr uns 50 ou 60 quilômetros, achei que já chegava de exercício e então dei meia volta e ergui as mãos ao alto. Era um jeito de cumprimentar o inimigo.

—Sr. Campbell, costumava dizer sua espôsa, com impaciência. Eu teria vergonha disso. O senhor não poderia ter estado nem sequer nas proximidades dêsse campo de batalha de que está falando.

Ao que êle replicava invariavelmente:

—Melissa, se eu tivesse estado lá garanto que teria agido exatamente como estou contando aos pequenos.

Para nós, crianças, a lógica de John Campbell era inatacável. Sabíamos que não havia passado por tudo aquilo que nos descrevia. Mas éramos-lhe gratos por acolher-nos no seu inigualável mundo particular, jovialmente partilhando conosco as suas momices.

Havia na vizinhança um bondoso velhinho chamado Coles, que costumava aparecer tateando com a bengala, olhando incertamente à procura de John Campbell. Os dois ficavam sentados, balançando-se na varanda.

Invariavelmente, Coles começava dizendo:

—Estamos velhos, Johnny. Os

tempos já não são como antigamente.

John Campbell berrava:

—Eu não estou velho coisa alguma! Sinto-me em plena forma. E os tempos são o que sempre foram!

A voz sumida do Sr. Coles ia repassando lutas e tristezas antigas. Finalmente, o visitante, no esfia-pado uniforme de Confederado, voltava para casa, ajudado, nos pedaços difíceis do caminho, pela bengala e por John Campbell.

Na noite em que o Sr. Coles agonizava, John Campbell e sua espôsa balançavam-se na varanda.

—Sr. Campbell, disse ela, não posso compreender como pôde zombar do Sr. Coles, ontem, daquela maneira, dizendo-lhe que o partido dêle é que ganhou a guerra! Não é que o senhor fêz o pobre velhinho *acreditar* na mentira!

—Foi essa a minha intenção, Melissa, respondeu John. Mentalmente êle tinha voltado a um passado tão distante que era de novo um menino magoado, de uniforme rasgado,

lastimando que a causa pela qual lutara estivesse perdida. Não pense que me esqueci de como aquilo doeu! Eu vi a sombra da morte pairando sôbre êle e jurei que o aliviaria daquela dor antiga. Convenci-o de que não havíamos lutado, passado fome e morrido inútilmente. Espero que morra com o ânimo levantado. Foi a maior mentira que já preguei, Melissa, mas não pude evitá-lo.

As cadeiras de balanço rangiam nas tábuas do assoalho e sapos coaxavam no meio dos bôrdos. Por fim ela falou, e sua voz era baixa:

—Eu não compreendo. O senhor tem sido sempre uma maravilha para êste mundo, Sr. Campbell.

—Ora, ora, Melissa, murmurou êle.

—Johnny! disse ela.

As cadeiras ficaram silenciosas por algum tempo. Quando começaram a ranger novamente, tenho a certeza de que os dois velhos estavam de mãos dadas, vendo, satisfeitos, os vagalumes piscarem passando através da noite suave de verão.



Que veneno!

MMARGARET CASE HARRIMAN, em *The Vicious Circle*, lembra coisas de seu pai, Frank Case: Êle não suportava o ambiente de horror dos livros de William Faulkner. Certa vez, encontrando-se com o romancista à entrada do Algonquin Hotel, saudou:

—Alô, como vai?

—Tenho estado com o estômago horrivelmente embrulhado, estes últimos tempos, respondeu Faulkner.

—Não será alguma coisa que você andou escrevendo? perguntou papai.